

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Grupos terapêuticos online: uma cartografia da vida universitária

Djalma Alves Magalhães Gomes Júnior, Luciene de Fátima Rocinholi

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15557>

Submetido em: 2026-03-22

Postado em: 2026-05-04 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ARTIGO

GRUPOS TERAPÊUTICOS *ONLINE*: UMA CARTOGRAFIA DA VIDA UNIVERSITÁRIA

DJALMA ALVES MAGALHÃES GOMES JÚNIOR¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5584-4476>

<jjmagalhaesgomes@gmail.com>

LUCIENE DE FÁTIMA ROCINHOLI²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5441-2583>

<lurocinholi@gmail.com>

¹ Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Diamantina, Minas Gerais (MG), Brasil.

² Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

RESUMO: A vida universitária requer o enfrentamento de aspectos formais e informais dentro e fora do campus. O objetivo desse estudo foi acompanhar os modos viver a vida universitária a partir de um dispositivo grupal remoto com estudantes de graduação e pós-graduação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Através do Método da Cartografia, acompanhamos 3 grupos de estudantes, em 6 encontros cada. Relatamos em um diário de bordo o que se passou em cada encontro, incluindo posicionamentos e afetos dos participantes. Os afetos narrados se relacionavam com aspectos fora das salas de aula, como dificuldades no percurso ao campus e em conciliar demandas acadêmicas e trabalho para sustentarem-se, desafios nos alojamentos e violência nas relações. Compreendemos que o espaço universitário composto de forças instituídas que estabeleciam modos de ser enrijecidos, mas reconhecemos forças instituintes que possibilitavam inventar modos mais flexíveis e saudáveis, numa operação de transversalização.

Palavras-chave: Grupo terapêutico *online*; estudantes universitários, cartografia, subjetividade.

ONLINE THERAPEUTIC GROUPS: A CARTOGRAPHY OF UNIVERSITY LIFE

ABSTRACT: University life requires coping with both formal and informal aspects on and off campus. The objective of this study was to follow the ways of living university life from a remote group device with undergraduate and graduate students at the Federal Rural University of Rio de Janeiro. Through the Cartography Method, we followed 3 groups of students, in 6 meetings each. We report in a logbook what happened in each meeting, including the participants' affections. The affections narrated were related to aspects outside the classrooms, such as difficulties on the way to campus and in reconciling academic and work demands to support themselves, challenges in housing and violence in relationships. We understand that the university space is composed of instituted forces

that established ways of being stiffened, but we recognize instituting forces that made it possible to invent more flexible and healthy ways, in an operation of transversalization.

Keywords: Online therapeutic group; university students; cartography; subjectivity.

GRUPOS TERAPÉUTICOS EN LÍNEA: UNA CARTOGRAFÍA DE LA VIDA UNIVERSITARIA

RESUMEN: La vida universitaria requiere enfrentar aspectos formales e informales dentro y fuera del campus. El objetivo de este estudio fue acompañar las formas de vivir la vida universitaria a partir de un dispositivo grupal remoto con estudiantes de grado y posgrado de la Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. A través del Método de la Cartografía, acompañamos tres grupos de estudiantes, con seis encuentros cada uno. Registramos en un diario de campo lo ocurrido en cada encuentro, incluyendo posicionamientos y afectos de los participantes. Los afectos narrados se relacionaban con aspectos fuera de las aulas, como dificultades en el trayecto hacia el campus y en conciliar las demandas académicas con el trabajo para su sustento, desafíos en los alojamientos y violencia en las relaciones. Comprendemos que el espacio universitario está compuesto por fuerzas instituidas que establecen modos de ser rigidizados, pero también reconocemos fuerzas instituyentes que posibilitan inventar modos más flexibles y saludables, en una operación de transversalización.

Palabras clave: Grupo terapéutico en línea; estudiantes universitarios; cartografía; subjetividad.

INTRODUÇÃO

A fase adulta é compreendida a partir de marcos que caracterizam esta etapa da vida, tais como o ingresso no mercado de trabalho, a saída da casa dos pais para a universidade, o desejo por maior independência e autonomia financeira, o estabelecimento de novos vínculos afetivos, a reorganização dos laços sociais, a busca por equilíbrio emocional e intelectual e a responsabilização sobre si mesmo e seu futuro (Fiorini, Moré & Bardagi, 2017).

Um dos modos de viver a vida adulta é sendo universitário. Para muitos, o ingresso no ensino superior não se resume à escolarização formal; este se revela como possibilidade de desenvolver autonomia, expandir a escolha profissional e criar redes de apoio social, o que pode impactar na percepção e afetos sobre si mesmos e influenciar na qualidade de vida (Teixeira, Dias, Wottrich & Oliveira, 2008; Anversa, Filha, Silva & Fedosse, 2018; Penha, Oliveira & Mendes, 2020). Entretanto, nem sempre o sujeito responderá de modo a seguir um caminho que lhe forneça autonomia, singularidade e potência diante dessas demandas.

O presente estudo advém de uma dissertação de mestrado, intitulada: “Cartografias de grupos online: produção de subjetividade em estudantes, onde buscamos compreender a expressão das subjetividades de jovens adultos universitários a partir de um dispositivo de

grupo terapêutico online, realizado entre novembro de 2020 e março de 2021 (Gomes Júnior, 2021). Ao reconhecer alguns aspectos presentes no contexto universitário, nos interessa compreender, no presente estudo, de que maneira os universitários vivem a vida universitária, suas vulnerabilidades e fatores de produção de bem-estar, bem como os reflexos desta dinâmica na produção dos modos de existir, compreendendo-os como processos de produção de subjetividade.

OS PROCESSOS DE PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE E A CARTOGRAFIA

Compreendemos, a partir da Esquizoanálise, que a subjetividade é entendida como uma realidade material, produzida no seio social e institucional pelos sentidos, de modo imanente, na relação com o mundo e com as coisas que dele fazem parte (Guattari & Rolnik, 2013), numa produção que oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o sujeito é submetido a um modo de ser-viver tal como o recebe, convocado por modos de vida serializados, homogêneos, padronizados e massificados, tendo o sofrimento como efeito principal; ou uma relação de expressão e criação, onde o sujeito se reapropria dos modos de viver, inventando a si mesmo com autonomia, singularização e saúde, favorecendo devires (Guattari & Rolnik, 2013).

No processo de singularizar, explicações generalizadas ou interpretações prévias se desconstróem e aparecem a multiplicidade e as possibilidades de agenciamentos para além dos modos instituídos de ser e viver (Corrêa, 2006; Deleuze & Guattari, 2012; Gomes Júnior & Rocinholi, 2021). Nossa proposta visou cartografar as forças presentes no contexto e na vida universitária, os processos de produção de subjetividade e favorecer, através do dispositivo grupo *online*, processos de singularização, entendendo que se trata de inventar modos saudáveis e potentes de viver a vida neste contexto.

A cartografia é um método de pesquisa que se orienta numa perspectiva processual dos fenômenos, pois não busca representar objetos fixos e nem revelar realidades acima ou abaixo dos processos que se dão no plano social (Tedesco, Sade & Caliman, 2013; Barros & Kastrup, 2015). Aqui, busca-se construir um mapa das forças que estão conectadas ao objeto pesquisado, mergulhando nas intensidades dos processos que estão presentes, dando conta de seus movimentos e “dando língua para afetos que pedem passagem” (Rolnik, 2016). O pesquisador se insere numa rede que já está em acontecimento e mapeia as forças que estão pondo sujeitos em movimento, demandando cuidado para que os movimentos não sejam perdidos em categorias fixas, baseadas em regras gerais (Passos & Barros, 2015).

A cartografia, como método processual de acompanhar movimentos das subjetividades, é posta a funcionar através dos dispositivos (Kastrup & Barros, 2015); o dispositivo é uma rede que se pode estabelecer entre elementos, discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões, proposições filosóficas, morais, etc.; é também entendido como máquina de fazer ver e falar, pois se dá no desembaraçamento das linhas que compõem o campo pesquisado, como uma máquina que efetua, agencia e articula processos, produzindo discursos, modos de ver, falar, ser e viver (Hur, 2009; Hur & Viana,

2016; Gomes Júnior & Rocinholi, 2023). A proposta grupal é entendida como um dispositivo que permite conhecer as forças que atravessam e agenciam modos de existir, assim como uma possibilidade de intervenção que permite inventar outros modos de viver a vida (Barros, 2013).

Compreendemos o agenciamento como a articulação entre os elementos. (territórios e objetos que o ocupam) que são capazes de compor movimentos, processos, estratos, relação de forças e modos de viver de acordo com a natureza que lhe compõe e constitui (Hur & Viana, 2016). Assim, os agenciamentos articulam os modos de subjetivação singulares e estratificados de viver, cujas forças constituem processos e, os processos, constroem modos de vida. No presente estudo, pretendemos narrar os processos de produção de subjetividade que foram cartografados a partir de encontros grupais remotos realizados com universitários da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), entre 2019 e 2021 e que agenciaram modos de vida neste contexto.

O TERRITÓRIO UNIVERSITÁRIO

Considerada um dos campus universitários mais bonitos do Brasil por sua paisagem natural misturada com a arquitetura colonial, a UFRRJ, apesar do nome, tem sua sede no município de Seropédica, uma zona predominantemente rural, na Baixada Fluminense, estado do Rio de Janeiro, há 70km do centro da cidade do Rio de Janeiro e em média 27km de outros municípios vizinhos da também Baixada Fluminense. O campus sede é o maior da América Latina, possuindo 3.024 hectares e um conjunto arquitetônico de 131.343 metros quadrados de área construída (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2019). A distância entre os prédios construídos neste terreno faz com que grande parte dos estudantes tenha que fazer longos percursos entre uma aula e outra, assim como no trajeto casa-campus.

Segundo o relatório sobre o perfil discente dos ingressantes na UFRRJ entre 2016 e 2018, publicado pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2019), apenas 5,1% dos estudantes reside em Seropédica, onde a universidade está situada; após o ingresso, 26% dos estudantes se mudou para o município de Seropédica e 8% para os alojamentos da universidade, localizado no próprio campus. A respeito dos modos de deslocamento para o campus, 76,5% utilizava o transporte público coletivo, 17,4% ia a pé ou de bicicleta e 7% possuía transporte próprio.

Segundo a V Pesquisa Nacional de Perfil Sociodemográfico e Cultural dos Graduandos das Instituições de Ensino Superior (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior, 2019), a UFRRJ possuía 78,2% dos seus estudantes com renda familiar mensal per capita até 1,5 salário-mínimo, o que correspondia, em abril de 2021, a R\$1.431; destes, 39% dos estudantes possuía renda per capita de 0 a 0,5 salário-mínimo, o que fez com que a UFRRJ criasse políticas que viabilizassem a permanência na instituição por meio de auxílios financeiros e não financeiros, como auxílio moradia, alimentação, transporte e apoio didático-pedagógico. Dentre os programas de assistência

estudantil, 32% dos Ruralinos (como os estudantes da UFRRJ se autodenominam) participa ou já participou de algum programa, como o Auxílio Alimentação (16,2%), Auxílio Moradia (14,9%) e Auxílio Transporte (10,5%) (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior, 2019; Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2019). Para se manterem financeiramente, 50,3% estava à procura de trabalho, 28% já trabalhava e estudava, e 27,1% se dedicava exclusivamente ao curso de graduação. Das formas de ingresso na UFRRJ, 50,7% o fez através das cotas sociais e/ou raciais, enquanto 49,3% por ampla concorrência. Destaca-se que, 67,2% fez o ensino médio em escola pública e 32,8% em escola privada; Importante apontar que 54,7% dos estudantes se autodeclarou não-branco.

PERCURSO METODOLÓGICO

Por conta da pandemia de COVID-19, realizamos encontros grupais via chamada de vídeos pelo *Google Meet*, com estudantes de graduação e pós-graduação da UFRRJ com idade a partir de 18 anos. A pesquisa foi divulgada nas redes sociais da UFRRJ, e contou com participação de 27 Ruralinos, que foram divididos em 3 grupos. Cada grupo teve 6 encontros, com duração média de 90 minutos.

Nos primeiros 5 encontros, iniciávamos com uma dinâmica de quebra gelo e outra de apresentação, para aproximar os participantes. Logo após, pedíamos que os participantes sugerissem temas que gostariam de compartilhar naquele encontro, anotávamos os temas e sorteávamos. Em seguida, solicitávamos que produzissem um desenho que expressasse como aquele tema se relacionava com suas vidas e, posteriormente, que contassem o que desenharam. Abríamos um espaço para escuta, acolhimento e discussão. No final do encontro, pedíamos que contassem como tinha sido a experiência. No sexto e último encontro, refletimos com o grupo sobre a experiência dos encontros para os participantes.

Um diário de bordo foi elaborado ao final de cada encontro, como um instrumento utilizado pelo cartógrafo para registrar o que aconteceu no plano de forças e afetos, assim como informações objetivas e impressões que emergiram na pesquisa, funcionando como um mergulho no plano da experiência com os grupos (Passos & Barros, 2015). Os encontros também foram audiogravados e os registros do diário de bordo e do conteúdo transcrito foram utilizados para compor a discussão desta cartografia.

O presente estudo apresenta Declaração de Aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Número do processo: 23083.031170/2020-11.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Des-individualizando os modos de ser-universitário

A universidade foi um dos temas que mais apareceu nos encontros. De maneira intrigante, os participantes colocavam sobre si mesmos a responsabilidade por estarem sempre cansados, desmotivados e desgastados, como sendo resultado de algo que não estavam lidando, resolvendo e planejando bem, responsabilizando apenas a si mesmos pelo “fracasso” narrado, como sendo resultado de uma inabilidade pessoal.

Ouvimos de um participante: *“Eu reprovei em Cálculo 1 e Física 1... fiz ensino médio em escola pública, minha base em matemática não era muito boa. Apesar de muita gente ter reprovado também, comecei a me achar muito burra, sabe?”*. Outro participante completou: *“imagine eu que era monitor de química na escola e, chegando na faculdade, reprovei em química geral, que é uma revisão de química do ensino médio!”*. A fala foi completada por outro estudante: *“É tanta coisa pra fazer, tanta pressão... não consigo desligar pra nada, mal durmo, vivo com insônia. Nem consigo assistir BBB, um entretenimento pra alienar um pouco. Eu sento pra assistir e penso: ‘vá fazer alguma coisa, ó inútil. Você está cheio de aula pra assistir. Eu só estudo né, então tenho que dar o meu melhor, porque só faço isso!”* (DIÁRIO DE BORDO, ENCONTRO 02, GRUPO B).

Enquanto os participantes contavam os motivos que acreditavam ser os que os tornavam responsáveis por seu fracasso acadêmico, tomávamos consciência de que a vida universitária ia muito além da sala de aula e do esforço que cada poderia empenhar em alguma atividade, pois envolvia morar longe dos pais, dar conta das exigências e incertezas do curso escolhido, a inserção em novos espaços sociais, com novos vínculos, autonomia no processo de aprendizagem, a participação em aulas, estágios, pesquisa, representação estudantil, além das atividades extraclasse, extra-muro e extracurriculares (Anversa, Filha, Silva & Fedosse, 2018).

Percebemos que, quando a palavra “universidade” era citada por algum participante, convocava uma série de reações muito peculiares: alguns torciam o nariz, outros faziam cara feia, reviravam os olhos ou comentavam: *“ai, vamos pular essa parte”* ou *“ih, nem fala isso”*. Entretanto, mesmo dizendo que preferiam evitar o assunto, todos começavam a falar apenas sobre a universidade. Enquanto ouvíamos os participantes expressando o cansaço e desgaste que sentiam, que lhes eram atribuídos a um fracasso pessoal e individual, entendíamos que o dispositivo grupal estavam possibilitando a expressão de agenciamentos, que poderiam justificar as narrativas vivenciadas (Barros, 2013). A partir daqui, narraremos os agenciamentos que articulavam os modos de ser e viver a vida universitária, dando fluxo aos afetos que surgiam nas narrativas.

Os modos de permanência na universidade: percurso e moradia

Para muitos, ingressar no ensino superior numa instituição pública é um sonho a ser alcançado. Para alguns, como já dito, os desafios iniciam ainda no ensino médio, com as dificuldades e deficiências na escolarização pública. Para outros, as dificuldades continuam mesmo após o ingresso na universidade. Atentos, ouvimos os participantes contarem seus

desafios enfrentados, a começar no percurso de suas residências para o campus universitário.

A respeito do percurso, uma estudante disse: *“Pra ir pra Rural e conseguir pegar menos ônibus, meu avô me levava até a rodoviária e eu ficava lá, sozinha, esperando o ônibus. Os caminhoneiros sempre mexiam comigo. Não dava pra ficar lá sozinha. Eu preferia fazer o percurso mais longo, de 3 ônibus, pra não ter que passar por isso”*. (DIÁRIO DE BORDO, ENCONTRO 02, GRUPO A).

Para se sentir segura e com menos exposição, a participante preferia fazer um percurso mais longo até o campus universitário, levando uma considerável quantidade de horas a mais, pois, no percurso mais curto, era assediada. Outros participantes contaram que também gastavam muitas horas até o campus e que já chegavam muito cansados pelo percurso; o tempo que levavam no deslocamento casa-universidade era narrado como o único disponível para estudar e para realizar atividades acadêmicas.

Como alternativa para evitar o percurso, aqueles que tivessem interesse em morar dentro da universidade poderiam contar com um processo seletivo para ocupar vagas no alojamento universitário localizado no campus principal. Acompanhamos alguns integrantes que compartilharam conosco a experiência de ser um Ruralino-alojado.

Uma estudante compartilhou como se sentia morando no alojamento universitário: *“Eu sentia uma diferença absurda de morar na universidade. Apesar d’eu morar perto do campus, eu levava bastante tempo por causa do percurso e do número de baldeações. Morando na universidade, eu conseguia fazer algumas coisas, como participar da companhia de dança, mas também não tinha espaço pra estudar e tinha problema de andar pelo campus, por medo da violência. Tive uns problemas de síndrome do pânico na época, porque já fui assaltada algumas vezes dentro no campus. A gente olha a universidade pelo modelo americano e acha que vai morar num lugar ótimo e na prática é bem complicado”*. (DIÁRIO DE BORDO, ENCONTRO 02, GRUPO A).

Percebíamos que, para alguns, não precisar percorrer longas distâncias de ônibus era um benefício; entretanto, além do desafio de conseguir encontrar um lugar adequado para estudar e conseguir se alimentar de maneira adequada, os participantes compartilharam outros desafios que vivenciaram enquanto foram residentes dos alojamentos.

Violências no campus universitário

Muitos compartilharam que estavam expostos à diversos modos de violência, em diversos locais e que era comum casos de violência dentro do campus.

Uma participante compartilhou sua experiência de morar no alojamento, que envolvia abuso nas relações com os colegas de quarto e exposição às drogas: *“Morei em república, mas tive que sair por questões financeiras. Fui morar no alojamento e foi a pior experiência da minha vida. Foi horrível. Vim de um ambiente super conservador e, ao lado do meu quarto, tinha um cara que traficava drogas. E eu com 18-19 anos vendo aquilo acontecer na minha cara. Eu ficava horrorizado, não podia*

contar pra ninguém. Também, na sexta-feira, eu só podia ir embora pra casa se desse faxina no quarto todo, e sozinho. Eu fazia de tudo pra ir pro quarto só na hora de dormir. Chegava no quarto depois da meia noite, pra não ver ninguém acordado". Uma participante completou: *"quando eu morei no alojamento, também era muito esquisito. Morei com uma menina, mas ela vivia fora do quarto. Teve uma vez que tentaram arrombar o quarto e eu tava sozinha. Foi um rolezão! Fiz um amigo sair do centro de Seropédica pra me buscar. Não fiquei lá sozinha não!"* (DIÁRIO DE BORDO, ENCONTRO 02, GRUPO A).

As narrativas dos Ruralinos nos permitem refletir a respeito de estudos que consideram a moradia universitária um espaço vivo, que permite compartilhar novas experiências de vida e que traz grandes influências para o processo integrativo, de afiliação ao espaço universitário e vínculos intensos, comparados aos que residem fora do campus (Sousa & Peixoto, 2020). Para nós, revelavam que os níveis relacionais que os Ruralinos experimentavam produziam um efeito reverso: estudantes desamparados, expostos e experimentando relações desiguais e violentas nos alojamentos. O estudo "UFRRJ Seropédica: situações de conflitos e violências" aponta que o amparo institucional às questões de segurança no campus não é proporcional ao aumento da população estudantil nos últimos anos (Rosa, 2017). Diante da violência e da falta de encaminhamento institucional, o estudo sinaliza que diversos Ruralinos se mobilizaram para reivindicar melhores condições de segurança e dispositivos de denúncia mais eficazes, estimulando iniciativas de combate à violência, crimes e abusos ocorridos dentro do campus.

A violência no ambiente universitário está presente em diversos outros campi espalhados pelo Brasil e são constantemente denunciados nos veículos de comunicação. Porém, o número de casos é subnotificado e desproporcional, pois as instâncias administrativas são escassas ou nulas, ou seja: muitos casos, pouca notificação e quase nenhuma ação institucional efetivada. Com as baixas expectativas de segurança institucional, a população Ruralina precisou se mobilizar para que providências pudessem ser tomadas nas situações de violência que ocorriam nos espaços universitários, principalmente por conta do tamanho do campus, das áreas com pouca iluminação e vigilância e da necessidade de percorrer longas distâncias entre uma aula e outra (Rosa, 2017).

Uma participante dividiu conosco a experiência de ter sofrido assédio dentro do campus, evidenciando uma relação de poder durante sua iniciação científica (IC) e que não conseguiu denunciar por acreditar que perderia a bolsa, sua única fonte de renda. Contou também os efeitos que esta situação teve nos seus modos de viver na universidade: "Sinto que criei uma roupagem diferente pra falar com homens por motivos de assédio que já sofri dentro da Rural, durante 1 ano inclusive, mas isso não vem ao caso. Eu meio que criei um escudo, sabe? Acho que depois que rolou esse lance, do assédio e tal, que o cara virou chefe de departamento, ele me assediou durante 1 ano quando fiz IC com ele. E eu tinha que ficar lá me submetendo àquilo, porque precisava da bolsa. Fiquei meio desacreditada porque eu falava pra outras pessoas e elas diziam: 'ah, denuncia, seja forte', só que quando rolou comigo, nunca consegui, sabe? Ai criei esse escudo, pra que não role de novo". (DIÁRIO DE BORDO, ENCONTRO 02, GRUPO A).

Enquanto acolhíamos as experiências dos participantes, compreendíamos que a violência estava muito presente na vida dos estudantes e que produzia modos de ocupar o território acadêmico, modos de falar, modos de se relacionar e de viver a vida universitária com experiência de sofrimento. Para compreender a subjetividade e os modos de existir, é necessário entender a maneira que os aspectos psíquicos são articulados com as forças que compõem a realidade e, neste caso, compreender como a dinâmica violenta experimentada na universidade poderia produzir efeitos na vida dos estudantes (Parpidelli & Souza, 2005; Gomes Júnior, Araújo & Rocinholi, 2020).

Acompanhamos outras experiências de violência de gênero dentro do contexto universitário, narradas nos encontros que cartografamos. A violência de gênero narrada no grupo, envolvia assédio sexual, assédio moral, comentários machistas e/ou misóginos, desqualificação intelectual e/ou moral, acesso não equivalente aos gêneros, dentre outros (Pasinato, 2011).

Uma participante compartilhou que ser mulher no ensino das exatas era muito difícil e que já pensou em trocar o curso que tanto gosta por outro, onde seu gênero não seria um impeditivo; se sentia saturada, silenciada e desacreditada por inúmeras situações que teve que passar apenas por ser mulher, que seu curso não era compatível com seu gênero e que "*ser resistência o tempo todo*" a cansava consideravelmente. Compartilhou que foi presidente do diretório acadêmico do seu curso e que, para ser ouvida nas reuniões, precisava gritar, o que muitas vezes é "psiquiatrizado" na mulher. Contou que ser mulher tornava o ofício mais desgastante e, para evitar desgaste, passou a pedir para o vice-presidente, um rapaz, falar o que ela queria dizer, para conseguir ser ouvida. Enquanto ele narrava o que ela queria dizer, era aplaudido e concordado por todos; quando ela tentava se pronunciar, era criticada e silenciada, produzindo em si um escudo. (DIÁRIO DE BORDO, ENCONTRO 02, GRUPO A).

A linguagem é uma das formas de reprodução simbólica dos modos de perpetuar a dominação masculina, quando institui às mulheres a imposição cultural do silêncio e do não posicionamento nos espaços sociais (Barros & Busanello, 2019), contribuindo para um processo de silenciamento e marginalização. Rosa (2017) narra a criação de uma página na internet por uma estudante de Psicologia, chamada "Abusos Cotidianos - UFRRJ", com fins de desabafo, acolhimento e denúncia, diante da pouca eficácia dos dispositivos institucionais frente ao combate à violência no campus. As vítimas que relatam suas experiências na página eram ouvidas, acolhidas e orientadas a denunciar na Delegacia da Mulher e, institucionalmente na Reitoria da universidade. A partir desta iniciativa não-institucional, a universidade disponibilizou novos canais de denúncia, acolhimento e atendimento psicológico para as vítimas. A autora ainda narra que diversos coletivos foram criados para mobilizar a população universitária no enfrentamento da violência, numa ação que buscasse reconfigurar os modos de existir e viver a vida universitária, numa espécie de *dever-vida-universitária-segura-e-saudável*, além de fomentar e potencializar a ocupação e permanência de estudantes mulheres em cursos ocupados majoritariamente e historicamente por homens.

Deleuze e Guattari (2012) definem o Devir como a força de criação de novas configurações, novos mundos, novos modos políticos de viver, que possibilita recriar a realidade de maneira diferente dos modos já instituídos. Enquanto os Ruralinos inventavam modos de resistir à falta de apoio institucional para combater a violência vivida no campus, estes produziam resistência e inventavam novos percursos e saídas para aquela problemática apresentada, possibilitando modificar os modos estabelecidos de viver a vida naqueles contextos (Nobrega, 2019). Os devires favorecem a criação de modos de vida mais potentes e múltiplos e, neste caso, permitiram que os Ruralinos inventassem novos jeitos de ser-universitários dentro do plano social e político na universidade, recriando a vida neste plano social, de maneira outra, na potência, desfazendo pressupostos e revelando potência.

Os modos de se sustentar

A necessidade de se manter financeiramente também foi entendida como uma força que impactava diretamente na forma de permanecer na universidade, pois a maioria dos cursos funciona de tempo integral e a maioria dos estudantes é oriundos de famílias de baixa renda. A preocupação financeira era constante e os fazia querer trabalhar formalmente, informalmente (os famosos bicos) ou encontrar alguma outra forma de ganhar alguma renda.

Uma jovem nos contou que além de estudar, precisava trabalhar como técnica de enfermagem em um hospital. Disse que vivia cansada e que não tinha energia pra fazer nada. Como o tempo era muito curto, precisava estudar para as avaliações dentro do ônibus, no percurso casa-universidade-trabalho-casa; entretanto, pois se sentia tão cansada que sempre acabava dormindo durante todo o percurso. (DIÁRIO DE BORDO, ENCONTRO 01, GRUPO C).

Conciliar trabalho com estudo era a realidade de muitos estudantes (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior, 2019; Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2019), visto que a grande maioria possuía renda até 1,5 salário. Uma participante contou que a família não tinha condições financeiras para ajudá-la a se sustentar na universidade e, por isso, começou a vender bolo pelo campus. Outros contaram que já venderam ingressos para festas, fizeram rifas ou compravam *ticket-alimentação* e os revendiam na fila do restaurante universitário. Os estudantes em cursos integrais compartilharam que necessitavam fazer suas refeições na própria universidade, tirar cópias de textos para as disciplinas, pagar passagem do transporte, dentre outros custos; muitos, para conseguir se manter no curso, precisavam contar com iniciativas da universidade, como os programas de bolsas, estágios remunerados, monitorias e iniciação científica. Alguns participantes compartilharam que só estavam matriculados do curso por conta de bolsas e estágios, dada a impossibilidade de conciliar o curso com um trabalho, mesmo que informal.

Uma estudante contou: *"Boa parte da galera que consegue fazer um curso e completar num tempo razoável, só consegue porque a família tem condições de ajudar. Desde o terceiro período eu nunca fiquei sem bolsa, era inconcebível estudar sem bolsa"*. Outros participantes disseram que só conseguiram ter paz na universidade quando recebiam algum auxílio universitário, pois poderiam se dedicar exclusivamente aos estudos. (DIÁRIO DE BORDO, ENCONTRO 03, GRUPO A).

Compreendíamos que trabalhar enquanto estudava era indispensável para a permanência no ensino superior, o que fazia com que precisassem dividir o tempo que dispunham para assistir as aulas, participar de atividades acadêmicas, desenvolver alguma atividade que gerasse renda, ir para casa, dedicar tempo para estudar, dormir, dentre outros, demandando energia e persistência para manter-se nos estudos e garantir sua conclusão. Brocco e Zago (2016) relevaram que 25% dos potenciais estudantes universitários não tinham condição de ingressar no ensino superior devido as suas condições sociais e econômicas, ainda que o ensino fosse gratuito e que, para garantir a permanência na universidade pública, dependeriam de ações institucionais.

Com a criação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), diversas iniciativas como bolsas de monitorias, de pesquisa, auxílios permanência, transporte e moradia foram criadas para apoiar a permanência dos estudantes no ensino superior (Vargas & Paula, 2011). Porém, essas iniciativas se mostravam limitadas, já que uma parcela da população universitária ainda precisava trabalhar para conseguir sobreviver e, como efeito, grande parte experimentava dificuldades em concluir o curso, abandonavam ou tinham desempenho acadêmico prejudicado, fazendo com que o concluíssem em um número maior de semestres cursados (Vargas & Paula, 2011). Compreendíamos, com isso, que essas experiências atravessavam os sujeitos produzindo os modos de ser universitário e, mais do que isso, influenciavam nos resultados que os estudantes esperavam em termos de desempenho e performance acadêmica.

As linhas de singularização universitária

Nossos encontros não foram apenas espaços para identificarmos modos produção de subjetividade serializada e sofrimento. Enquanto acompanhávamos as narrativas dos participantes acerca da Universidade e o que as compunham, perguntávamos que tipo de afetos emergiam neste espaço; percebemos que, no encontro universitário-universidade, havia duas experiências distintas narradas: uma narrativa na universidade-dentro-da-sala-de-aula e outra narrativa na universidade-fora-da-sala-de-aula.

Um participante nos contou que a vida universitária era muito mais do que assistir aula. Apesar de se sentir extremamente cansado em vários semestres por conta da demanda excessiva de atividades, entendia que ao longo do curso conseguiu fazer muitas outras coisas além das atividades de aula e que foram fundamentais para conhecer a si mesmo. Começou a fazer aulas de forró para ganhar horas acadêmicas e descobriu que amava dançar. Disse que encontrou um leque de coisas que não imaginou ter, como novas experiências em festas e

chopadas, o contato com animais presentes no campus e que tudo isso era parte do pacote para relaxar a tensão acadêmica. Outro participante abriu um enorme sorriso e concordou com os colegas: *“Eu amo ficar no lago. Me lembro de quando saía de alguma prova e ia pra um lugar quieto, sem ninguém e com muito verde... natureza sabe? Ouvir os pássaros, ficar relaxando... e lá tem muito disso né. Concordo com os colegas que praticar esportes no campus, ir para as festinhas e os vínculos que a gente faz ajudam a gente lidar com o período de um jeito menos penoso”*. (DIÁRIO DE BORDO, ENCONTRO 02, GRUPO C).

A universidade também era vivida e sentida como um lugar de tranquilidade, onde era possível ter paz, se revigorar, se reequilibrar dos desafios e tarefas instituídas e devir-aluno. O espaço que era descrito inicialmente de maneira densa, também permitia leveza e o cuidado de si, traçando linhas de fuga que possibilitam devires. O devir, segundo Deleuze e Guattari (2012) é o movimento capaz de fazer escapar os modos fechados e sofredores, impostos pelos modelos sociais. O devir permite desfazer as formas estratificadas, traçando um movimento novo, diferente do já vivido e que produzia enrijecimento, num movimento rumo às intensidades que só valiam por si mesmas, sem modelo estabelecido, se configurando de maneira mais flexível e potente. O devir, estranho a quaisquer modelos estruturais, permitia a invenção de novas possibilidades de ocupar a universidade, um curso, uma disciplina, dentre outros, criando novos territórios existenciais (Gomes Júnior & Rocinholi, 2023). Compreendíamos, com isso, que na universidade havia linhas duras, que instituíam modos sofredores de viver, e linhas flexíveis, de singularização, que permitiam conforto, bem estar e potência.

Um integrante contou que a universidade foi essencial para seu autoconhecimento e afirmou categoricamente: *“Foi um momento de me reconhecer... eu me olho nas fotos do início do curso e falo: quem era esse? Jesus! Não sei o que seria da minha relação comigo se não fosse a universidade... percebi que eu sentia muitas coisas e que gostava de coisas... e eu não me permitia nem tentar me entender, porque minha família é muito religiosa e me prendia. A universidade veio, foi um momento de me reconhecer, até na sexualidade, pra me mostrar a vida de outra perspectiva... uma mais feliz... e graças a Deus por isso. Foi um processo forte, experiências loucas!”*. (DIÁRIO DE BORDO, ENCONTRO 02, GRUPO C).

Para Guattari e Rolnik (2013), a singularidade é rizomática, pois não segue por uma lógica fechada e instituída, mas por um processo heterogenético, permitindo novas formas de existir e viver, inventando leveza, desfazendo pressupostos estratificados de sentir, estudar e ocupar o espaço acadêmico. Enquanto os Rurálinos inventavam um modo saudável de se relacionar com o plano-universitário, inventavam também a si mesmos de maneira potente, diferente do modo-sofredor instituído e experimentado. Além disso, o contexto universitário também era um espaço onde era possível viver a vida, para além das atividades acadêmicas, sem precisar introjetar modelos e formas prontas de viver. Alguns contaram o quanto foi libertador estar na universidade e o quanto conseguiam recriar a si mesmos, num lugar saudável e cheio de potência, evidenciando que a universidade agia também como uma força que permitia a múltipla expressão da vida, estabelecendo novos fluxos de viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que a universidade é estruturada por forças instituídas que constroem modos de existir enrijecidos, mas também atravessada por forças instituintes que possibilitam traçar linhas para escapar destes modos duros, construindo saídas, linhas de fuga capazes de inventar modos mais flexíveis e saudáveis, que permitem uma operação de transversalização. Afirmamos que há saúde quando, diante do instituído, se apresentam forças instituintes, possibilitando a construção de novos territórios existenciais.

Nesta cartografia, compreendemos que viver a vida universitária não se relacionava apenas com a escolarização formal e com as competências na formação acadêmica. Forças como gênero, classe social e os contextos socioculturais dos universitários não só influenciavam a vida dos estudantes, como produziam modos de ser universitário, impactando a escolarização formal. A defasagem no ensino fundamental e médio eram somadas aos desafios no percurso casa-universidade, aos modos de se sustentar financeiramente no campus, às relações estabelecidas entre colegas de curso e professores e à presença da violência no campus. Ao longo dos encontros, os participantes percebiam que o modo-universitário narrado não tratava apenas fruto do desempenho deles, mas que se referia a uma produção no social que não dependia apenas do empenho e não-empenho. Com isso, permitiu uma retirada de peso das próprias costas, numa tentativa de fazer um percurso desviante das linhas de homogeneização/padronização.

Vimos que o espaço de grupo não foi apenas um lugar de desabafo; também possibilitou resignificar e criar novos sentidos para a vida, a partir de novas possibilidades, afetos e experiências. Enquanto nos reuníamos, percebíamos que alguns participantes viviam a vida universitária de maneira entorpecida e adoecida, apontando para a necessidade de viver a vida, a universidade e o estudo de outro modo, com autonomia e leveza. No grupo, foi possível mapear os modos que a universidade produzia movimentos na vida dos universitários, o que estes movimentos causavam nos sujeitos-universitários e construir um espaço inventivo de criação de novas formas de se movimentar, de ser estudante, de ser Ruralino, jovem adulto, homem, mulher, sujeito, dentre outros, abrindo caminho para a flexibilidade, inventando modos de vida potentes, dando passagem aos devires e expressão aos afetos, permitindo que configurações adoecidas dessem lugar à saúde.

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declaram que não haver conflitos de interesse para este manuscrito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR. *V pesquisa nacional de perfil socioeconômico e cultural dos(as) graduandos(as) das IFES - 2018*, Seropédica, 2019.

Disponível em: <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>. Acesso em 01/05/2020.

ANVERSA, Andreisi Carbone; FILHA, Valdete Alves Valentins dos Santos; SILVA, Emilyin Borba da; FESOSSE, Elenir. Qualidade de vida e o cotidiano acadêmico: Uma reflexão necessária. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 26, n. 3, p. 626-631, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/YnZkytJVLNbG33mKrn4wwng/abstract/?lang=pt>. Acesso em 22/08/2020.

BARROS, Antonio Teixeira; BUSANELLO, Elisabete. Machismo discursivo: Modos de interdição da voz das mulheres no parlamento brasileiro. *Revista Estudos Feministas*, v. 27 n. 2, p. 1-15, e53771, 2019. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n253771>.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. (Orgs.), *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 52-75.

BARROS, Regina Benevides. *Grupo: a afirmação de um simulacro*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

BROCCO, Ana Karina; & ZAGO, Nadir. Relação estudo e trabalho entre universitários bolsistas de camadas populares. In: Reunião Científica Regional da ANPED: Educação, movimentos sociais e políticas governamentais, 2016, Curitiba. Anais. Curitiba: ANPED Sul, 2016.

Disponível em: http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/eix020_ANA-KARINA-BROCCO-NADIR-ZAGO.pdf. Acesso em 11/08/2020.

CORRÊA, Sandra. Esquizoanálise: Clínica e subjetividade. *Avesso do Avesso*, v. 4, n. 4, p. 33-51, 2006.

Disponível em: <Recuperado de: http://www.feata.edu.br/downloads/revistas/avessodoavesso/v4_artigo02_esquizoanalise.pdf>. Acesso em 14/06/2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs 1*. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo*. São Paulo: Editora 34, 2012

FIORINI, Milena; MORÉ, C Carmem Leontina; BARDAGI, Marucia. Família e desenvolvimento de carreira de jovens adultos no contexto brasileiro: revisão integrativa. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v. 18, n. 1, p. 43-55, 2017.

<<https://doi.org/10.26707/1984-7270/2017v18n1p43>>.

GOMES JÚNIOR, Djalma Alves Magalhães. *Cartografias de grupos online: produção de subjetividade em estudantes*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Seropédica: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2021.

Disponível em: <<https://rima.ufrrj.br/jspui/bitstream/20.500.14407/14492/3/2021-Djalma-Alves-Magalhães-Gomes-Júnior.pdf>>. Acesso em 20/08/2022.

GOMES JÚNIOR, Djalma Alves Magalhães; ROCINHOLI, Luciene. Adolescentes escolares: cartografias de um grupo terapêutico nômade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 27, n. 3, p. 834-851, 2021.
<<https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2021v27n3p834-851>>.

GOMES JÚNIOR, Djalma Alves Magalhães; ROCINHOLI, Luciene. A invenção de um setting online para atendimento psicológico remoto. *Psicologia em Revista*, v. 43, n. 255712, p. 1-17, 2023.
<<https://doi.org/10.1590/1982-3703003255712>>.

GOMES JÚNIOR, Djalma Alves Magalhães; ARAÚJO, Severina Maria; ROCINHOLI, Luciene de Fátima. O contexto escolar e a promoção de saúde em adolescentes. In: PEIXOTO, Ana Cláudia Azevedo; VICENTE, Carla Cristina; ROCINHOLI, Luciene de Fátima (Orgs.), *Práticas na formação em psicologia*. Curitiba: Appris, 2020, p. 17-28.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2013.

HUR, Domênico; VIANA, Douglas. Práticas grupais na Esquizoanálise: cartografia, oficina e esquizodrama. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 68, n. 1, p. 111-125, 2016.
Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-52672016000100010>. Acesso em 11/07/2020.

HUR, Domênico. O dispositivo de grupo na Esquizoanálise: tetralvalência e esquizodrama. *Revista do NESME*, v. 9, n. 1, p. 18-36, 2009.
Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902012000100004>. Acesso em 11/07/2020.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Liliana Pozzana. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. (Orgs.), *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 76-91.

NÓBREGA, Rafaela Francisco. Devir minoritário: por uma estética da resistência. *Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade*, v. 5, n. 2, p. 217-228, 2019.
Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/13012/7059>>. Acesso em 11/07/2020.

PARPINELLI, Roberta Stubbs; SOUZA, Edmilson Wantuil Freitas. Pensando os fenômenos psicológicos: um ensaio esquizoanalítico. *Psicologia em Estudo*, v. 10, n. 3, p. 479-487, 2005.
<<https://doi.org/10.1590/S1413-73722005000300016>>.

PASSINATO, Wânia. “Feminicídios” e as mortes de mulheres no Brasil. *Cadernos Pagu*, n. 37, p. 219-246, 2011.
<<https://doi.org/10.1590/S0104-83332011000200008>>.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. (Orgs.), *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 17-31.

PENHA, J.; OLIVEIRA, C.; MENDES, A. Saúde mental do estudante universitário: revisão integrativa. *Journal Health NPEPS*, v. 5, n. 1, p. 369-395, 2020.
Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/jhnpeps/article/view/3549>>.

ROLNIL, Suelly. *Cartografia sentimental*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

ROSA, Iris de Macedo. UFRRJ Seropédica: situações de conflitos e violências. *CSO Online - Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, n. 25, p. 58-74, 2017.
<<https://doi.org/10.34019/1981-2140.2017.17458>>.

SOUSA, Letícia Pereira; PEIXOTO, Maria do Carmo de Lacerda. A moradia estudantil universitária: práticas de educação formal e informal. *Revista Humanidades e Inovação*, v. 7, n. 6, p. 299-311, 2020.
Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2604>>. Acesso em 11/07/2020.

TEDESCO, Sílvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 25, n. 2, p. 299-322, 2013.
<<https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000200006>>.

TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira; DIAS, Ana Cristina Garcia; WOTTRICH, Shana Hastenpflug Wottrich; OLIVEIRA, Adriano Machado. Adaptação à universidade em jovens calouros. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 12, n. 1, p. 185-202, 2008.
<<https://doi.org/10.1590/S1413-85572008000100013>>.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO. *Relatório sobre o perfil discente ingressante na UFRRJ: análise comparativa dos períodos 2016/2, 2017/1, 2017/2 e 2018/1*. Seropédica: Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, 2019.
Disponível em: <<https://cpa.ufrrj.br/wp-content/uploads/2021/06/RelatorioCPA2019.pdf>>. Acesso em 14/06/2020.

VARGAS, Hustana Maria; PAULA, M Mari de Fátima Costa. Novas fronteiras na democratização da educação superior: o dilema trabalho e estudo. In: Anais da 34ª Reunião Anual da ANPEd, 2011.
Disponível em: <<http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT11/GT11-418%20int.pdf>>. Acesso em 14/06/2020.

Declaração de Contribuição de Autoria

Autor 1 – DJALMA ALVES MAGALHÃES GOMES JÚNIOR - coordenação do projeto; conceituação; coleta de dados; análise dos dados; escrita; revisão da escrita final.

Autor 2 – LUCIENE DE FÁTIMA ROCINHOLI - conceituação; análise dos dados; revisão da escrita final.



Critérios SciELO Brasil

Formulário sobre Conformidade com a Ciência Aberta

versão 29 de junho de 2020

Por meio deste formulário os autores informam o periódico sobre a conformidade do manuscrito com as práticas de comunicação da Ciência Aberta. Os autores são solicitados a informar: (a) se o manuscrito é um preprint e, em caso positivo, sua localização; (b) se dados, códigos de programas e outros materiais subjacentes ao texto do manuscrito estão devidamente citados e referenciados; e, (c) se aceitam opções de abertura no processo de avaliação por pares.

Preprints

Depósito do manuscrito em um servidor de preprints reconhecido pelo periódico.

O manuscrito é um preprint?	
<input type="checkbox"/>	Sim - Nome do servidor de Preprints: DOI do Preprint:
<input checked="" type="checkbox"/>	Não

Disponibilidade de Dados de Pesquisa e outros Materiais

Autores são encorajados a disponibilizar todos os conteúdos (dados, códigos de programa e outros materiais) subjacentes ao texto do manuscrito anteriormente ou no momento da publicação. Exceções são permitidas em casos de questões legais e éticas. O objetivo é facilitar a avaliação do manuscrito e, se aprovado, contribuir para a preservação e reuso dos conteúdos e a reprodutibilidade das pesquisas.

Os conteúdos subjacentes ao texto do manuscrito já estão disponíveis em sua totalidade e sem restrições ou assim estarão no momento da publicação?	
<input checked="" type="checkbox"/>	<p>Sim:</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito</p> <p><input type="checkbox"/> os conteúdos já estão disponíveis</p> <p><input type="checkbox"/> os conteúdos estarão disponíveis no momento da publicação do artigo</p> <p>Segue títulos e respectivas URLs, números de acesso ou DOIs dos arquivos dos conteúdos subjacentes ao texto do artigo (use uma linha para cada dado):</p>
<input type="checkbox"/>	<p>Não:</p> <p><input type="checkbox"/> dados estão disponíveis sob demanda dos pareceristas</p> <p><input type="checkbox"/> após a publicação os dados estarão disponíveis sob demanda aos autores – condição justificada no manuscrito</p> <p><input type="checkbox"/> os dados não podem ser disponibilizados publicamente. Justifique a seguir:</p>

Aberturas na avaliação por pares

Os autores poderão optar por um ou mais meios de abertura do processo de *peer review* oferecidos pelo periódico.

Quando oferecida a opção, os autores concordam com a publicação dos pareceres da avaliação de aprovação do manuscrito?	
<input checked="" type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não
Quando oferecida a opção, os autores concordam em interagir diretamente com pareceristas responsáveis pela avaliação do manuscrito?	
<input checked="" type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.